

A VERDADE

Orgão Spirita

PUBLICA-SE 4 VEZES POR MEZ

REDACTORES DIVERSOS

Anno I.

Cuyabá, 17 de Agosto de 1894.

N.º 13

A VERDADE

Cuyabá, 17 de Agosto de 1894.

Estudos philosophicos

Digamos hoje sobre o ultimo ponto de confronto entre as tres escolas: materialista, catholica e spirita.

Digamos sobre o termo final da vida terrena, sobre a morte.

O homem acaba pelo facto de morrer, entrando em decomposição e pela decomposição voltando ao turbilhão, donde sahem os seres.

E' esta a opinião dos materialistas sobre a morte?

O homem não acaba pelo facto de morrer, porque sua essencia é espirital; e se o corpo que o reveste na vida temporal decompõe-se, volve ao turbilhão material, o espirito apenas soffrê por isto uma mudança de condigão: continúa a viver com a consciencia de sua personalidade e viverá eternamente no céu, se fez boas obras na terra; no inferno, se as fez condemnavéis.

E' esta a opinião dos catholicos românos?

O homem não acaba pelo facto de morrer, porque é espirito, e o espirito toma o corpo para poder ter a vida material e deixa-o, como deixamos as vestes para tornar a tomá-lo, como fazemos com as vestes, vindo por conseguinte a esta vida tantas vezes quantas lbes for preciso para progredir, para desenvolver sua perfectibilidade.

Esta é a opinião spirita sobre a morte.

Para o materialista, o destino do homem é o nada; é o do bruto, é o

do cogumelo: sair da massa cósmica e voltar a ella, para novamente, e sob outras formas, sair a constituir novos seres ou a fazer parte delles.

Para o catholico romão, o destino humano, para cuja realização lhe foi dada esta existencia, define-se no termo della: o espirito vai á gloria ou ás penas eternas.

Para o spirita, nosso destino é a perfeição pela depuração do pensamento e do sentimento; quer dizer, pelo saber e pela virtude, levados ao conhecimento de todas as leis da criação e á pureza em sua mais lata comprehensão.

Para o materialista a vida é um accidente, como a chuva e o relampago.

Para o romanista, é condição essencial ao destino humano, que se completa nella e por ella, como na estação propria, se completa a reprodução das especies.

Para o spirita, é realmente condição essencial ao destino humano, mais este não se completa nella e por ella e sim em uma série, maior ou menor de existencias corpóreas, quantas forem precisas a cada um, para fazer o progresso compativel com este planeta, a fim de subir delle a outro mais adiantado.

Orá, racionalmente considerada a questão, qual das tres escolas offerece elementos para uma crença fundada, séria e digna da omnipotencia e da omniscencia, que criou e mantem todos os mundos e todos os seres?

Póde alguém admitir que o homem, um ser moral, e portanto livre, seja irresponsavel q'tanto o que fez bom uso de sua liberdade, o bom,

como o que fez máo uso daquelle sublime attributo, o máo, nada gozem nem soffram pelo que fizeram?

Diz-se: goza-se e soffre-se em vida: o prêmio da virtude é a virtude, o castigo do vicio é o proprio vicio.

Mas o perverso que acaba no meio das maiores grandezas e venturas?

Mas o nobre coração e a pura alma, que acaba acicatado pelas dores phisicas e pelas Moraes?

A doutrina materialista consagra o monstruoso absurdo da moral sem sancção.

E não é só isto. Se o ser humano acaba pela morte como explicar-se o sentimento unato e universal de ambicionarmos o que na vida não é possível alcançarmos: o infinito?

A redução do homem ao nada é coisa que a natureza humana repelle por todas as suas faculdades; o que faz prova plena de que tal coisa não é possível, é simples parto de cerebros doentes.

E tanto é assim que o materialista, o incredulo, quando lhe chega a hora extrema, é tomado de uma agonia horrorosa salvo o caso de morte repentina.

E' que seu espirito recua ante o barathro incomprehensivel do nada, e julgando a materia perdida, coisa unica em que acreditou, julga-se perdido com ella!

E' que sua natureza protesta contra sua crença!

Qual das duas estará com a verdade?

Dil o hoje e de um modo irrecusavel a experiencia, o instrumento por excellencia de nossas investigações hodiernas, o critérium da verdade para todas as escolas modernas.

Os mortos vêm falar-nos!

Quem duvidar disto applique o methodo experimental, e terá a prova *prohada* da verdade *verdadeira*.

Ante o facto da morte não póle, pois, o materialismo sustentar suas theorias, nem racional nem experimentalmente!

O romanismo, embora aceite a verdade da vida futura e eterna do espirito, tambem vê por um prisma falso o facto da morte.

Ella conduz ao juizo definitivo, em virtude do qual o pobre ser humano é condemnado ou glorificado para sempre sem mais recurso ou appellação.

Póle a razão, limpa de preconceitos e de fanatismo, tal qual nola deu o Creator, para discernirmos a verdade do erro; póde esta luz, conferida á nossa alma, admittir que a perfectibilidade humana, intellectual e moral não tenha para desenvolver se senão o instante desta vida e que por este instante se defina para sempre (para sempre!) o destino de todos os homens?!

E os que morrem ao nascer ou mesmo antes da idade da consciencia e os que nascem idiotas hão de ser julgados pela mesma bitola dos que tiveram longa vida, dos que puderam usar de sua razão e de sua consciencia?

E pelos erros de um momento penas eternas!

E pelos acertos de um momento a gloria eterna!

Quem não sente que isto é contra a razão e contra as infinitas perfeições do Creator?

Racionalmente, pois, o romanismo esbarra-se diante do facto da morte.

Experimentalmente evidencia-se a falsidade de suas falsas apreciações.

Quem, como nós, submeter á prova experimental scientifica, por longa série de trabalhos, terá muitas occasiões de verificar que os mortos soffrem o juizo, sim; mas o juizo relativamente a suas obras na existencia que perderam, juizo pelo qual são punidos ou galardoados,

sem contando ser a pena irrevogavel e o galardão o maior que possa conquistar.

Verifica, pois, se a possibilidade de intervenção dos diabolos da igreja que juizo, galardão e penas são temporarios; e portanto que, passando desta vida, não vamos á gloria eterna, nem ao inferno de penas eternas.

Verifica, finalmente, que o espirito progride eternamente, mediante vidas corporeas successivas, em que lhe é dado reparar as faltas passadas e cumular merecimentos.

Experimentalmente, portanto, se reconhece, a não deixar duvidar, que a igreja romana tem da morte uma falsa comprehensão.

E o spiritismo?

Este considera a vida como um pouso na longa via do progresso, pela qual o espirito vai á perfeição que é o seu destino, considera a morte o levantar do acampamento para o proseguimento da viagem eterna, considera o juizo *post mortum* o ajuste de contas da receita e despesa na jornada feita, considera as penas como um meio de melhor dirigir-se emendando-se dos erros, que lhe atrazaram a marcha, considera o galardão como o premio de animação para redobrar de esforços e acelerar o passo.

Racionalmente este plano, que mal podemos aqui esboçar, é tão elevado e digno de ser talhado pela soberana Intelligencia segundo a mais elevada concepção da justiça, do amor e da misericordia do Senhor o Pai de infinitas perfeições, quanto é rachitico e fumarento o da igreja onde se faz de Deus um artista commum, um ser cruel e vingativo, uma potencia caprichosa com preferencias e exclusões.

Experimentalmente todos os dogmas spiritas, conformes ou não conformes com os da igreja, são clara e positivamente provados.

N—póde vir ver e *apalpar*

Mar.

(Da União Spiritica.)

O homem de bem

O verdadeiro homem de bem é aquelle que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Se elle interrogar sua consciencia sobre seus proprios actos, perguntará: se não violou essa lei; se não fez mal; se fez todo bem que póle; se desprezou voluntariamente uma occasião de ser util; se ninguém tem motivos de se queixar d'elle, enfim se fez aos outros tudo quanto queria que lhe fizesse.

Elle tem fé em Deus, na sua bondade, na sua justiça e na sua sabedoria, sabe que coisa alguma lhe acontece sem a sua permissão, e se submette em todas cousas á sua vontade.

Tem fé no futuro; motivo pelo qual colloca os bens espirituaes acima dos bens temporaes.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções, são provações ou expiações, e as aceita sem queixar-se.

O homem penetrado do sentimento da caridade e do amor do proximo faz o bem pelo bem, sem esperanza de compensação, paga o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre o seu interesse á justiça.

Encontra sua satisfação nos beneficios que derrama, nos serviços que presta, nos felizes que faz, nas lagrimas que secça, nas consolações que dá aos afflictos. Seu primeiro movimento é de pensar nos outros antes de pensar em si, procurar o interesse dos outros antes do seu proprio. O egoista, ao contrario, calcula os proventos e as perdas de toda acção generosa.

É bom, humano e benevolente para todo o mundo, sem excepção de raças e crencas, porque vê irmãos em todos os homens.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras, não lança o anathema naquelles que não pensam com elle.

Em todas as circumstancias a caridade é seu guia, comprehende que

todo aquelle que causa prejuizo a outrem com palavras malevolas, que exita susceptibilidade de alguém pelo seu orgulho e desdem, que não recua com a ideia de causar um incommodo, uma contrariedade, mesmo ligeira, quando pode evitá-la, falta ao dever do amor do proximo, e não merece a clemencia do Senhor.

Não tem odio, rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdôa e esquece offensas, e só se lembra dos beneficios; porque sabe que lhe será perdoado como elle tiver perdoado.

E' indulgente para as fraquezas dos outros, por saber que elle proprio tem necessidade de indulgencia, e recorda-se desta palavra do Christo: Que aquelle que estiver sem peccado lance a primeira pedra.

Não se compraz em indagar as faltas dos outros e publical-as. Se a necessidade o abriga, procura sempre o bem que pôde attenuar o mal.

Estuda suas proprias imperfeições, e trabalha sem cessar em combatel-as. Todos os seus esforços consistem em poder dizer no dia seguinte que tem em si alguma cousa de melhor que na vespéra.

Não procura ostentar seu espirito, nem seus talentos á custa de outrem; procura apanhar, ao contrario, todas occasiões de fazer-se bresahir o que é de vantagem nos outros.

Não tira vaidade alguma de sua fortuna, nem de suas vantagens pessoais, porque sabe que tudo que for dado pôde lhe ser tirado.

Usa mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, por saber que é um deposito que tem de prestar contas, e que o emprego mais prejudicial que possa fazer para si proprio, é fazel-os servir á satisfação de suas paixões.

Se a ordem social collocou homens sob sua dependencia, os trata com bondade e benevolencia, por serem suas iguaes perante Deos; usa de sua autoridade para elevar seu moral, e não para esmagal-os com seu orgulho; evita tudo quanto poderis

tornar sua posição subalterna mais penosa.

O subordinado, do seu lado, comprehende os deveres de sua posição, e procura cumprir suas obrigações conscienciosamente.

O homem de bem, enfim respeita em seus semelhantes todos os direitos que dão as leis da natureza, como quereria que as respeitasse para com elle.

Nesta enumeração não estão todas as qualidades que destingue o homem de bem, mas o que se esforçar para possuir estas, está sobre o caminho que conduz a todas as outras.

(O Evangelho)

Allan Kardec.

Orgulho, Riqueza e Pobreza

Excerptos da Obra—*Après la Mort*

(Tradução de A. M.)

De todos os vícios, o mais temivel é o orgulho, pois que lança de si os germens de quasi todos os outros vícios. E' a hydra monstruosa, sempre em via de procreação e cujos renovaes são novos como ella.

Desde que elle tem penetrado em uma alma, como em uma praça conquistada, ali se estabelece como dono, entabola-se á vontade, fortifica-se; ao ponto de tornar-se inexpugnável.

Infeliz do homem que se deixou surprender. Melhor seria para elle arrancar o coração de seu peito do que deixar nollê entrar o orgulho.

Elle não poderá livrar-se desse tyranno senão á custa de terribes luctas, depois de provações dolorosas, de existencias obscuras, de um porvir todo de sujeição e humilhação, pois é esse o unico remedio eficaz para os males que o orgulho causa.

Este vicio é o maior flagello da humanidade. E' d'elle q' proceda todos os descalabros da vida social, as rivalidades da vida social, as rivalidades de classe e de povos, as intrigas, o odio e a guerra. Inspirador de lousas ambições, elle tem coberto a terra de sangue e de ruinas, e é ainda elle que causa nossos soffrimentos de

alem-tumulo, pois seus effeitos se estendem alem da morte, até sobre os nossos remotos destinos.

O orgulho não somente nos desvia do amor de nossos semelhantes, mas torna todo o melhoramento impossivel, fazendo nos abusar do nosso merito, cegando-nos quanto aos nossos defeitos.

E' unicamente por um exame rigoroso de nossos actos e de nossos pensamentos que conseguimos reformar-nos.

Como o orgulhoso se submetteria a esse exame?

De todos os homens, é elle que poderia menos conhecer-se.

Infatuzado, nada pode desenganal-o, pois que elle arrada de si, com cuidado, tudo quato tenda a esclarecel-o; elle odeia a contradicção e não se acomoda senão na sociedade dos lisongeiros.

Como um verme roedor em um bello fructo, o orgulho corrompe as mais meritorias obras.

A's vezes mesmo, elle as torna prejudiciaes áquelle que as realiza.

O bem, feito com ostentação, com um occulto desejo de ser applaudido, glorificado volta-se contra o seu autor.

Na vida espiritual, as intenções, o movel occulto que nos inspiram, reapparecem como tantas testemunhas; elles acabrunham o orgulhoso e reduzem a nada seus meritos illusorios.

O orgulho nos occulta toda verdade.

Para estudar proficuamente o universo e suas leis, é necessario, antes de tudo, a simplicidade, a sinceridade, a rectidão de coração e de espirito, virtudes desconhecidas pelos orgulhosos. O pensamento que tantos seros e cousas nos impoem lhe é insupportavel e elle o repelle.

Seus juizes são para elle as raiaes do possivel: elle difficilmente admitte que o seu saber e a sua comprehensão sejam limitados.

O homem simples, humilde e de coração, rico em qualidades moraes, chegará mais depressa á verdade, apesar da inferioridade possivel de

suas faculdades, que o presumpso, vaidoso de sua sciencia terrestre, revoltado contra a lei que o rebaixa e destróe seu prestigio.

O ensinamento dos Espiritos mostra-nos sob um aspecto horripilante a situação dos orgulhosos na vida de agem-tumulo.

Os humildes e os pequenos desse mundo acham-se alli elevados: os vaidosos e os poderosos alli são amesquiados, humilhados. E' que uns levaram consigo aquillo que faz a verdadeira superioridade: as virtudes, as qualidades adquiridas pelo soffrimento, ao passo que outros tiveram de abandonar, com a morte títulos, fortuna e vão saber.

Tudo que fazia sua gloria, sua felicidade, desvaneceu-se em fumo. Elles chegam ao espaço pobres, despojados, e esta transformação subita, contrastando como seu passado esplendor, aviva suas preocupações.

E' com profunda magoa que elles veem acima delles, na luz, aquelles que elles despresaram, desdenharam na terra. O mesmo acontece na reincarnação futura. O orgulho, a ávida ambição, não podem attenuar-se extinguir-se senão por meio de vidas tormentosas, vidis de trabalho e abnegação, em cujo curso a alma orgulhosa torna entrar em si mesma, reconhece sua fraqueza e a bre-se pouco a pouco a sentimentos meliores.

Um pouco de prudencia e de reflexão nos preservaria desses males.

Como podemos nós deixar-nos invadir e dominar pelo orgulho, quando é bastante conhecermo-nos para ver o pouco que somos?

E' o nosso corpo, nossas prendas physicas que nos inspirão a vaidade? A belleza é de pouca duração; uma unica enfermidade pode destrui-la. Cada dia, o tempo faz sua obra; ainda alguns passos na vida e todas essas vantagens ficarão fanadas, murchas; nosso corpo não será mais que uma couza repugnante.

E' a nossa superioridade sobre a natureza?

Seja o mais potente, o melhor favorecido de nós transportado para um deserto onde elle tenha de manter-

se; isolado, se exponha ás coleras do Oceano: no meio do furor do vento, das ondas ou dos fogos subterrâneos—como se revelará sua fraqueza!

Matão, todas as distincções sociais, os títulos, as vantagens da fortuna, se medem por seu justo valor.

Não todos somos iguaes deante do perigo, do soffrimento e da morte.

Todos os homens, desde o mais altamente collocado ao mais miseravel, são amassados da mesma argila.

Vestidos de andrajos ou de sump-tuosos trajos, seus corpos são animados por Espiritos da mesma origem e de todos se acharão confundidos na vida fuctura. Unicamente o seu valor moral os distinguirá. O mais elevado aqui na terra pode vir a ser um dos ultimos no espaço, e o mendigo pode revestir-se de uma veste esplendida.

Não despresemos, pois, ninguém. Ninguém sabe o que está reservado amanhã.

(Cat.)

DIVERSAS NOTICIAS

Constancia.—Temos sobre a nossa modesta mesa de trabalho esta importante Revista semanal Socialegico—Espirita, que se edita na bella e importante capital da Republica Argentina.

Agradecido pela visita.

Echo do Fôvo e Oasis.—Recebemos e agradecemos a visita destes dois órgãos que se publicam na vizinha cidade de Corumbá.

Desencarnação.—Deixou de existir neste Planeta o espirito daquelle que chamou-se Frederico Simplicio Gualberto de Mattos.

Que Deos o amercie para sua completa felicidade são os votos que fazemos.

O Dr. Charcot.—Da Carta Parisiense, de Agosto do anno passa-

do, escripta para O'Paiz, extrahimos a parte que se segue, a respeito daquelle eminente homem de sciencia, fallecido repentinamente em Morvan, 30 legoas distante de Paris, onde achava-se estabelecida a celebre Salpêtrière, em que deu-se o facto á que a mesma carta se refere:

« Diz-se que duas doentes hystericas da clinica do illustre sabio adivinharam de uma maneira extraordinaria a morte de Charcot. Ainda na Salpêtrière não se conhecia a morte do grande medico, já as duas doentes estavam no escriptorio da direcção em grande choro, lamentando a morte do illustre professor. Pouco depois recebia-se um telegramma annunciando a morte de Charcot.

Este facto telepathico tem causado sensação no celebre hospital das hystericas—explicam-no de diversas maneiras.

Uns dizem que essas duas doentes sabiam por pessoas estranhas ao hospital da morte de Charcot, porque quando ellas vieram dar a triste noticia á direcção, já se fallava da morte do celebre professor em Paris.

O hospital foi tardiamente avisado. Outros dizem que é possível e mesmo muito possível que uma hysterica suggestonada por um homem superior como Charcot pudesse ter a consciencia do facto que se dava a tantas leguas de Paris, porque pode continuar a existir entre um homem que suggestiona e adormece hystericas e essas hystericas um contacto bastante forte para que a morte imortalize a distancia. E' assim que varios medicos explicam a sensação á distancia, da morte de uma pessoa querida. »...

Para nós Espiritas, não há a menor duvida quanto á possibilidade do facto, porque é elle um dos phenomenos que se prendem á nossa Doutrina; e como esse de que se trata tem se dado centenaes, verificados e attestados pelos proprios sabios que estudão os phenomenos por elles chamados telepathicos.

Typ. d'O-Matto Grosso